

DOCÊNCIA: A FORMAÇÃO EM SERVIÇO PARA PRÁTICAS ANTI- *BULLYING*

Ivone Pingoello – UEM
ivonepingoello@hotmail.com

RESUMO:

Esse artigo é resultado parcial de pesquisas realizadas por ocasião do doutoramento em Educação realizado na UNESP – Marília-SP, quando nos propomos a realizar encontros destinados à formação continuada em serviço para professores da rede estadual do Ensino Fundamental. O foco da formação foram estratégias de prevenção e intervenção ao *bullying* escolar envolvendo oito professores. A metodologia consistiu na realização de encontros, na aplicação de dois questionários semi-estruturados, fichas de avaliações das atividades realizadas, registros escritos e gravações em áudio dos encontros realizados com os professores. Os resultados apontaram que há um descompasso entre o discurso teórico e a prática anti-*bullying* realizada pelos professores e a falta de conhecimento é a maior reclamação quanto ao desenvolvimento de estratégias anti-*bullying*. Após as realizações dos encontros, os oito professores participantes declararam que seus procedimentos diante do *bullying* melhoraram e que as dificuldades para enfrentar o fenômeno diminuíram. Consideramos que o procedimento de formar professores em serviço é possível, porém carece da colaboração das instituições escolares e da própria Secretaria Estadual de Educação, e que essa formação é essencial para o aumento da capacidade de intervir nos problemas ocasionados pela prática de *bullying* nas escolas.

Palavras-chave: Professores, Formação em Serviço, *Bullying*.

Introdução

Observações e reflexões acerca do contexto escolar quanto à incidência de *bullying* e a forma como este era enfrentado pelos professores, realizadas por ocasião de nossas pesquisas de Mestrado em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP –Marília-SP (PINGOELLO, 2009; PINGOELLO, 2014a), nos levou a questionar sobre a necessidade de formação docente que visasse fornecer aparato teórico e prático que possibilitasse enfrentar o problema de forma mais segura, isenta dos achismos do senso comum que podem culminar com a pioria do problema. Os resultados dessa primeira pesquisa revelaram que os 11 educadores participantes estavam a uma média de 22.6 anos em sala de aula sem terem recebido instruções ou informações que os ajudassem a enfrentar tanto o *bullying* como os demais tipos de violência escolar e esses declararam não saberem como agir diante do problema. Percebemos que novos paradigmas surgiram quanto à violência no ambiente escolar, como no caso do *bullying*, por exemplo, e os

professores continuavam atuando nos mesmos moldes de épocas passadas, seria o que Demo (2001), Samuelsen e Ertesvåg (2006) chamam de conhecimento caducado, que seria o uso de metodologias e procedimentos ultrapassados na resolução de problemas novos, com características particulares da atual sociedade.

Os resultados desta pesquisa nos motivou a continuar investigando a realidade escolar e realizamos uma segunda pesquisa por ocasião do nosso doutoramento também vinculada à UNESP – Marília-SP (PINGOELLO, 2012), cujos resultados parciais apresentamos nesse artigo.

A formação docente em serviço

O objetivo desta pesquisa foi verificar as contribuições que a formação continuada em serviço pode promover no enfrentamento ao *bullying* escolar. Partimos da hipótese de que ações educativas realizadas por professores informados podem ser eficientes na redução da prática do *bullying* em sala de aula.

Para responder essa questão com a produção de dados mensuráveis adotamos procedimentos sistematizados pré-estabelecidos, porém, não padronizados por se tratar de pesquisa em contexto natural onde os planos de pesquisa podem ser alterados conforme os resultados obtidos. Nossa pesquisa foi empírica e os procedimentos adotados foram descritivos e observacionais realizados no contexto natural sem manipulação planejada de variáveis (ANDERY, 2010).

O foco principal dos trabalhos foi a realização de encontros com o objetivo de fornecer informações, desenvolver conhecimentos e promover reflexões sobre as práticas anti-*bullying* no contexto escolar. Como instrumentos de coletas de dados foram adotados dois questionários semi-estruturados, um aplicado no início da pesquisa para avaliar a percepção que os professores têm sobre o *bullying* e outro aplicado ao final para avaliação dos encontros realizados, registros escritos e gravações de áudio e fichas de avaliações de atividades. Portanto, houve mensuração pré, durante e pós os encontros realizados com os professores.

Sendo nossa linha de base a Análise Comportamental, optamos por analisar os dados de forma quantitativa e qualitativa, pois, conforme esclarece Andery: “o dado comportamental é um dado substantivo, o tratamento estatístico pode, com vantagens, complementar a análise individual, mas não pode ser seu substituto.” (ANDERY, 2010, 332).

Os dados da pesquisa foram coletados no ano de 2010 em uma escola da rede estadual do estado do Paraná, os participantes foram oito professores que lecionavam em cinco turmas do 6º ano, sendo 7 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, com idade variando entre 30 e 50 anos. Todos com graduação na área em que atuavam, 7 educadores tinham curso de Especialização e 1 educador, além do curso de especialização, possui Mestrado. A média de tempo exercendo a profissão era de 16 anos.

Resultados

Os resultados do primeiro questionário aplicado revelaram que a maioria dos professores participantes não conhece as características que definem o *bullying* e fizeram reclamações idênticas quanto aos comportamentos dos alunos em sala de aula, reclamaram da alta incidência da indisciplina, a falta de respeito entre os alunos e entre esses e os professores, a falta de concentração, de limite e o comportamento verbal agressivo.

Os professores confirmaram a presença em sala de aula de alunos que são excluídos dos círculos de amizades e ficam esquecidos quando a questão é formação de equipe para a realização de trabalhos escolares. Para os professores os alunos excluídos são pouco participativos, ficam calados, ficam isolados por sentirem-se discriminados, nem sempre estão à vontade em sala de aula, os excluídos por indisciplina comportam-se de forma a chamar a atenção para si, têm complexos de inferioridade, apresentam um rendimento nas atividades escolares mais fraco que os alunos não excluídos.

Quanto aos comportamentos agressivos que mais ocorrem em sala de aula, apareceram em primeiro lugar a agressão verbal e os empurrões, em seguida foram citados os danos aos objetos e móveis da sala, gestos ofensivos, arremessar objetos contra outro aluno e chamar um aluno por um apelido que humilha. Os apelidos apareceram em segundo plano quanto a ser considerados os atos agressivos mais vistos em sala de aula.

Sete professores declararam terem dificuldades em intervir em casos de *bullying*. Quanto aos procedimentos adotados diante dos atos que consideraram agressivos, os participantes disseram que tentam dialogar com os envolvidos; chamam a atenção; ameaçam que vão fazer ocorrência ou o faz e registram por

escrito no livro do professor a ocorrência; chamam os pais ou responsáveis para conversar; encaminham para a Orientação, Supervisão ou Direção.

Nas respostas dadas pelos professores há um foco em evidência que se refere à falta de conhecimento onde o professor opta em fazer ameaças por ser o único procedimento que conhece.

Destacamos na discussão aqui exposta o tema debatido por Samuelsen e Ertesvåg (2006) quando os autores expõem a necessidade de a escolar aprender se quiser continuar sendo uma instituição que ensina. A principal necessidade declarada pelos professores foi o conhecimento e a principal dificuldade revelada foi a falta dele, os principais anseios revelados pelos professores foi o saber agir.

Esse fato pode ser percebido nas falas dos próprios professores quando perguntado quais os procedimentos adotados diante de um caso de *bullying* em sala de aula e surge o comentário: “- Não sei como e nem o que fazer diante de uma situação como esta em sala de aula.” ou, quando questionados sobre os obstáculos enfrentados e os professores citam vários itens que, traduzidos, resumem a consequência da falta de conhecimento como o não saber agir, não saber identificar os protagonistas, o tratar o *bullying* como violência pontual, não se sentir preparado e usar de ameaça na tentativa de resolver o problema.

E para completar o quadro das dificuldades sentidas pelos professores, são apontadas por eles a falta de apoio pedagógico; falta de tempo para lidar com a situação, material diferenciado para serem utilizados em atividades em sala de aula, situações citadas por Abramovay (2002) que de alguma forma contribuem para a ocorrência de conflitos e conseqüentemente para a violência no ambiente escolar. Os professores citaram também a falta de acompanhamento psicológico tanto para os professores como para os alunos, o que poderia colaborar no controle da paciência, necessidade apontada por um professor.

Nos relatos dos professores as medidas adotadas pela escola nos casos de *bullying* foram as mesmas, ou sejam, todos os atos envolvendo agressividade ou outro tipo de violência seguem os mesmos procedimentos, a escola chama os envolvidos para conversar, fazem registros da ocorrência, se necessário chamam os pais desses alunos para uma conversa e acionam a para a patrulha escolar nos casos mais graves.

Problemas como esses podem ser identificados na análise das necessidades sugeridas por Jennifer e Cowie (2006) os quais sugerem que um conteúdo

estratégico que desenvolva um conhecimento organizativo pode levar as escolas a superarem o *bullying*. Esses dois procedimentos são a base inicial dos trabalhos de renovação do pensamento escolar que podem ser adotados em qualquer projeto que objetiva a melhoria do ambiente escolar.

Nas sugestões de medidas que poderiam ser adotadas pelos professores no trato com o agressor surgem as indicações de sete práticas punitivas, como ser mais rígido na correção dos comportamentos indesejados, encaminhá-los às autoridades competentes, punir e responsabilizar mais as famílias e seis práticas educativas que podem ser promovidas pela escola como diálogo constante com os agressores, fazê-los refletir sobre as consequências de seus atos; procurar entender o motivo das agressões; pedir ajuda a especialistas e acompanhamento psicológico. Acreditamos que se as ações educativas escolares recebessem maior ênfase, nenhuma ação punitiva seria necessária.

Aos professores foi dada a oportunidade de sugerirem ações que podem ser realizadas pela escola para combater o *bullying*, de forma geral as sugestões apontaram para as três vértices necessárias para a boa convivência escolar que seria conhecer, dialogar e participar. Ou seja, segundo os professores deve-se oferecer conhecimento a todos os envolvidos com a escola sobre o *bullying*, dialogar com os envolvidos e incentivar a participação da família e comunidade escolar na busca da solução para o problema. Houve, em menor número, a presença de sugestões punitivas, encaminhamentos e chamada de responsabilização da família. Nas ações sugeridas para os professores houve um maior número de indicações punitivas, nas ações sugeridas para a escola, onde se compreende a ação da equipe pedagógica e direção escolar, houve um maior número de ações educativas. É como se aos professores coubesse punir e à escola educar, como se fossem instituições distintas.

Em nossas experiências e durante o tempo que permanecemos observando as ações escolares para coleta de dados das pesquisas, promover o conhecimento do problema, dialogar e incentivar a participação dos envolvidos na solução do problema foram as ações menos percebidas e as ações mais observadas foram os encaminhamento e punições como a retirada da sala de aula, fazer as atividades na biblioteca, assinar advertências e suspensões.

O que se percebeu na análise das respostas das sugestões é que o professor não se reconhece como agente integrador de todo esse sistema, é como se o caso

só pudesse ser resolvido se fosse encaminhado para órgãos ou pessoas mais competentes que ele, que tivesse autoridade para intervir. E, por outro lado, em algumas das sugestões dadas, percebe-se que o professor sabe o que fazer, sabe quais são as ações mais eficazes, mas não as aplica. É como se ele estivesse dando sugestões para uma terceira pessoa porque o problema não é dele ou porque se sente impotente, inseguro pela falta de conhecimento e não quisesse se arriscar numa empreitada fadada ao fracasso.

Percebe-se que os professores estão incomodados com o problema, sabem o que deve ser feito, mas não tem conhecimento científico aprofundado sobre o assunto, o que origina a falta da prática por insegurança que por vezes pode ser percebida como indiferença. Os professores não passam indiferentes ao *bullying* escolar, apenas optaram em não agir por não saberem o que fazer. A pouca teoria que se percebeu ser de conhecimento dos professores está dissociada da prática que adotam. A mesma prática vem sendo adotada anos após anos no exercício da profissão sem serem questionados os resultados, agem no hábito da profissão, os únicos instrumentos que dispõem é o sermão e o encaminhamento que são adotados uniformemente em todas as situações de violência escolar.

A consequência da falta de informação gera medidas paliativas, como diálogos desconectados de continuidade, confundidos na prática com monólogos onde só a autoridade fala e o repreendido ouve. Nos casos mais graves ocorre o encaminhamento para a patrulha escolar que, no Paraná, se refere à ação da Polícia Militar que se diz especializada ao atendimento de casos de violência escolar.

Resultados dos encontros realizados com os professores

Ao analisarmos as necessidades dos professores percebeu-se que uma das barreiras para a formação contínua docente provinha da falta de tempo em estudar e participar de grupos de estudos. Dessa forma a solução encontrada foi a formação realizada no horário e local de trabalho, em nosso caso, o local utilizado foi uma sala de estudos da própria escola, utilizando as horas atividades dos professores.

Os encontros para estudos referentes ao tema proposto, o *bullying* escolar, foi programado para serem realizados em oito semanas. Foram feitos registros escritos dos encontros com os professores que resultaram em relatórios semanais, além destes registros, foram feitas gravações de áudio de todos os encontros. Os

conteúdos ministrados foram: Conceito e Características do *bullying*; Identificando o *bullying* na sala de aula; Fundamentação teórica da prevenção e intervenção ao *bullying* escolar; Dificuldades em se implantar um projeto anti-*bullying* no contexto escolar; Conceituações das diferentes manifestações da violência escolar; Compreensão e análises de casos; Propostas de procedimentos interventivos Anti-*bullying*; Planejamento e definição das ações educativas

Os conteúdos trabalhados, bem como as atividades realizadas foram publicados na nossa tese de doutorado (PINGOELLO, 2012) e em livro (PINGOELLO, 2014b).

As atividades de estudos realizadas com os professores seguiram conforme o planejado, com algumas exceções as quais foram previstas com a ajuda do texto de Samuelsen e Ertesvåg (2006). As três barreiras citadas pelos autores, como as barreiras psicológicas, práticas, de valores e poder estiveram presentes no decorrer dos encontros realizados. Enfrentamos situações de pouco interesse por parte de alguns professores, oposições de valores quando se privilegia a punição e se desacredita no poder do diálogo educativo e falta de local, material e tempo para a realização dos encontros e das ações educativas.

No primeiro encontro Conceito e Características do *bullying* com o objetivo de Proporcionar ao professor os conhecimentos teóricos científicos sobre o *bullying* para que ele possa compreender e identificar as situações de *bullying* ocorridas em sala de aula. A metodologia seguiu com leitura de texto, discussão e esclarecimentos das partes que não foram bem compreendidas ou que lhes chamassem mais a atenção. No segundo encontro foram trabalhadas as características específicas dos envolvidos com o *bullying*, agressor, vítima e espectador. Foram feitas leituras e atividades de compreensão de casos apresentados hipoteticamente.

De forma geral, todos os professores souberam identificar os casos de *bullying*, reconheceram as características do fenômeno em cada situação apresentada e as condutas adequadas para cada situação.

Na teoria parece tudo muito fácil e claro, não há dúvidas quanto a ser *bullying* ou não, a vítima é identificada com facilidade e as ações que devem ser tomadas são bem definidas e justas. O problema é a realidade, os professores continuaram afirmando terem dificuldades para identificar as vítimas em sala de aula e declararam não saber o que fazer diante de um caso de *bullying*.

As dificuldades em identificar as vítimas podem ser geradas pela possibilidade de associações entre as características das vítimas submissas com características de alunos disciplinados, os considerados bons alunos porque ficam quietos em suas carteiras, conforme esclarece Morita (2002).

Nos dois encontros os professores ficaram a maior parte do tempo relatando casos, tanto da vida particular como da escola que envolviam questões relacionadas à violência escolar. Todos os professores utilizaram o tempo para desabafar ou reclamar da ausência das famílias na escola, falta de apoio da escola e do estado que não lhes dá o respaldo necessário para o enfrentamento a violência escolar. Um professor declarou já ter desistido de tentar melhorar o clima na sala de aula quanto ao comportamento dos alunos, segundo o relato do professor: “- *Nada mais vai adiantar, nada vai mudar.*”

Tal afirmação dá indícios da desistência psicológica da profissão citada por Codo (1999) e a não percepção do professor em relação ao papel que desempenha no contexto escolar citado por Koehler (2006), pois quando este acredita que nada mais vai adiantar e nada vai mudar está afirmando seu descrédito na educação. O professor pode não estar percebendo as consequências ou os efeitos do seu papel no contexto educacional e, como ele acredita que tudo o que fizer não vai surtir efeito, desiste de intervir. Desistindo de intervir, ele transmite uma mensagem, como declara Vinha (2000), a da não responsabilização por parte do agressor e a mensagem de desproteção para a vítima.

As atividades realizadas no terceiro encontro tinham como foco principal reforçar os conhecimentos adquiridos sobre *bullying* no encontro anterior. O tema foi a fundamentação teórica da prevenção e intervenção ao *bullying* escolar que teve como objetivo conhecer os princípios básicos da Análise Comportamental por meio da leitura do texto que pôde ser utilizado como base de análise do comportamento do agressor e da vítima. A metodologia seguiu com leitura em voz alta com análise simultânea dos pontos mais relevantes do texto ou que tenha gerado dúvidas e uma atividade em que o professor deveria escrever um relato de evento observado em sala de aula onde o comportamento agressivo esteve presente e fazer a análise funcional do relato, o caso deveria ser analisado em evento antecedente, comportamento do sujeito e evento consequente. Os professores tiveram facilidade em entender os conceitos da Análise Comportamental, porém demonstraram dificuldades em separar os eventos antecedentes dos eventos consequentes.

No quarto encontro foram discutidas as dificuldades em se implantar um projeto anti-*bullying* no contexto escolar. O texto utilizado foi de Samuelsen e Ertesvåg (2006). O ponto mais debatido foi a necessidade de a escola aprender se quiser continuar sendo uma instituição que ensina. Neste item um professor salientou a importância da formação continuada e da posição de alguns professores que não participam diante de outros que participam ativamente dos cursos de formação continuada.

Essa situação seria a acomodação no território que se julga seguro, barreira que contribui com a continuidade da escola como guardião do conhecimento, citada por Demo (2001), onde o conhecimento adquirido pelo professor na formação inicial está depositado na escola sem ser renovado.

No encontro também foram discutidos os itens fragmentação e sobrecarga da profissão docente; a atuação docente em nível individual, grupal e organizativo; a análise das carências e as barreiras a serem enfrentadas na implantação de um projeto na escola. Dentre essas barreiras, cinco professores citaram a falta de coerência dentro do próprio grupo de professores e entre estes e a equipe pedagógica. Os professores relataram que há um descompasso entre as atitudes tomadas entre os professores no que se refere ao controle de comportamentos indisciplinados ou agressivos, por exemplo, o que ocasiona formas diferentes de lidar com o problema, resultando em conflitos quando um professor toma uma determinada atitude e outro discorda dessa atitude, as vezes discordando diante dos alunos ou desfazendo em sala de aula o que foi acordado em reunião pedagógica.

Concordamos com Samuelsen e Ertesvåg (2006), quando declaram que todo e qualquer procedimento de contenção ao *bullying* não surtirá o efeito desejado se cada professor apresentar um discurso diferente, incoerente com os objetivos propostos pelo projeto, como, por exemplo, quando alguns privilegiam a punição e outros o diálogo, alguns acreditam que *bullying* é brincadeira e outros o percebem como violência.

Os professores relataram que há, também, um descompasso entre os discursos dos professores e os da equipe pedagógica. Um professor ressaltou que: “- *Esta incoerência acaba por deixar o professor desacreditado e sua autoridade abalada*”. Tanto Abramovay (2002) como Samuelsen e Ertesvåg (2006) destacaram essa falta de coerência como um desafio a ser superado na implantação de estratégias de combate à violência escolar. O que ocorre é a falta de diálogo entre

os profissionais da educação, fator citado por Abramovay (2002) como contribuinte de um clima desfavorável ao controle da violência escolar.

O quinto encontro foi destinado ao estudo das diferentes manifestações de indisciplina e violência escolar. Com base em dois textos de Ortega et al (2006a, 2006b) e nos debates promovidos nos encontros anteriores, pode-se fazer uma análise das diferenças entre conflito, indisciplina, *bullying* e demais formas de violência escolar.

Foi esclarecido que os conflitos são saudáveis e naturais do desenvolvimento das relações interpessoais desde que respeitados os limites do bom diálogo que devem ser ensinados às crianças, pois estas não nascem com esse conhecimento pronto, conforme esclarece Leme (2004). Enquanto forma de exposição e debates de ideias opostas ou discussão sobre pontos de vista diferentes, o conflito pode gerar desenvolvimento na capacidade de argumentação, defesa de seu ponto de vista, reconhecimento de modos diferentes de ver o mundo e de que é possível conviver pacificamente com pessoas que pensam e agem de forma diferente.

A violência escolar se difere da indisciplina porque fere a integridade física e moral do indivíduo podendo a vítima recorrer às autoridades competentes para o ressarcimento dos danos causados; já no caso de indisciplina o que foi quebrado foi a regra estabelecida pela instituição e cabe a esta resolver o problema com os envolvidos. O *bullying* por sua vez se difere de outras formas da violência escolar por não ser um caso pontual, ou seja, não acontece e se encerra em apenas um momento, ele é recorrente e traz a marca da lei do mais forte impondo suas vontades sobre o mais fraco.

Nesse encontro, os comentários que mais surgiram entre os professores foram sobre a generalização da conduta tomada diante de casos diferentes, ou seja, os procedimentos são iguais para todos os casos, relatos que reforçam a necessidade de formação específica para o enfrentamento ao *bullying* escolar.

No sexto encontro foram realizadas atividades de compreensão e análises de casos que tiveram como finalidade: definir e distinguir as variáveis da violência escolar; analisar um caso de *bullying*; definir as diferentes manifestações comportamentais relacionadas à agressividade em sala de aula; descrever uma situação hipotética de atuação frente a um caso envolvendo agressão física entre alunos; descrever um caso de *bullying*, a forma como ele foi solucionado e quem o

solucionou; definir o que define como comportamento respeito e desrespeitoso em sala de aula.

Na realização dos exercícios foi verificado que, nas sugestões para o enfrentamento à violência escolar, houve apenas um registro de tentativa de diálogo que se supõe seja feita pelo professor, isso “- se *for possível*”, como se houvesse obstáculos intransponíveis para que se possa dialogar. Há citações de encaminhamento que representam a maioria das sugestões dadas pelos professores. A minoria demonstrou que conhece outras formas de intervenção como a mediação em conflito, estratégias de diminuição da indisciplina e a conscientização na busca da solução do *bullying*.

Nos casos em que o *bullying* foi citado, alguns professores optaram pelos encaminhamentos para a Direção, para o setor pedagógico, para os pais, para o Conselho Tutelar e para a Patrulha Escolar, demonstrando não acreditarem em seu potencial de interventor. Prevalece nessa visão, conforme esclarece Koehler (2006), a falta da crença de que se é capaz de resolver a questão buscando informações e adquirindo conhecimentos que se traduz nas transformações das formas de intervir.

Nesse encontro um participante ressaltou a importância do professor, mas que essa importância parece ser percebida somente no dia em que ele falta e “- *A escola fica louca*”, se referindo a grande quantidade de alunos que ficam no pátio da escola atrapalhando as outras turmas que estão tendo aula.

O mesmo professor levantou a questão da cobrança de uma aula atrativa e a culpabilização do professor pela falta de interesse do aluno. Ressaltou que o único instrumento que os professores têm para manter os alunos interessados nas aulas são as atividades curriculares e que: “- *O professor não é uma pessoa famosa e bonita da televisão que vem para a escola dar um show diário para uma média de 400 a 800 alunos*”.

A questão não é apenas cobrar eficiência do professor, é também suprir os professores dos meios para que atinjam as exigências do processo educativo, situação frisada por um professor que completa dizendo: “- *Na semana pedagógica, só teoria, falar da corrente filosófica de fulano de tal. E a prática? Teoria que a gente nunca usa na prática*”.

O desabafo se referiu à falta de material prático, de ajuda prática no combate à violência na sala de aula, da falta de textos que tragam descrições claras de como colocar em prática toda a teoria que se julga ser importante para a educação. Essa

reclamação também foi registrada por Belintane (2002) quando professores reclamaram do distanciamento entre as teorias vindas das universidades e a real necessidade das escolas. A reclamação é de que há muitos textos teóricos que são debatidos nas semanas pedagógicas, mas que esses textos pouco contribuem com a prática, pois não trazem explicações de situações problemáticas reais e formas de enfrentá-las em sala de aula.

No sétimo encontro foi lido o texto *Propostas de procedimentos interventivos Anti-bullying* (PINGOELLO, 2012; PINGOELLO, 2014a) acompanhado de discussões sobre os procedimentos sugeridos e sobre certas condutas adotadas por alguns professores que podem piorar a situação da vítima. Foi sugerido aos professores que colocassem em prática as sugestões do texto e que nos informassem caso isso acontecesse e qual foi o resultado da prática adotada. Foi sugerido também que em caso da necessidade de diálogo com alunos envolvidos em casos de *bullying*, este poderia ser realizado nos horários de hora atividade do professor. Porém até o final dos trabalhos realizados na escola não houve relato de algum professor que tenha adotado as sugestões.

Entre os itens lidos, um professor discordou da sugestão de que não devemos obrigar o aluno agressor a pedir desculpas; conforme relato desse professor, em sua vida particular ele adotou esse procedimento e obteve bons resultados. Os demais professores concordaram com as sugestões do texto e teceram comentários sobre erros que cometiam como chamar a atenção do agressor na frente de toda a turma, repetir o apelido do aluno vítima, não conversar com a vítima para saber como ela estava se sentindo.

O oitavo encontro foi destinado à produção de um cronograma de atividades que podem ser realizadas pelos professores com seus alunos com o objetivo de reduzir a incidência da prática de *bullying* na escola por meio da informação.

Avaliação da formação docente em serviço

Na avaliação feita por meio do questionário avaliativo os encontros realizados na Formação Docente em Serviço foram considerados ótimos por seis professores e considerados bons por dois professores. Os conteúdos estudados nos encontros foram considerados apropriados ao objetivo do projeto pelos oito professores. Quanto ao tempo utilizado para os encontros, sete professores declararam que o

tempo gasto nos encontros foi suficiente e um professor declarou que o tempo foi insuficiente. Em relação ao local dos encontros, os oito professores consideraram apropriados e um professor reclamou dos ruídos que atrapalharam a concentração.

Os oito professores declararam que seus procedimentos diante do *bullying* melhoraram; que as dificuldades para enfrentar o fenômeno diminuíram e que houve melhoria no clima em sala de aula no que se refere a prática de *bullying*.

Considerações finais

A partir dessas avaliações podemos considerar que o procedimento de formar professores em serviço é possível, porém carece da colaboração da Secretaria Estadual de Educação que poderia disponibilizar horas atividade específicas para a realização de formação contínua e das escolas que deveria respeitar os momentos de estudos, não solicitando a presença do professor para resolver problemas administrativos quando estes estão envolvidos em estudos complementares à sua prática pedagógica. Os professores, por várias vezes, se ausentaram por terem sido solicitados por alunos que queriam conversar, solicitados para resolverem questões administrativas e para atenderem pais de alunos. Portanto a concentração ficava comprometida e havia sempre a preocupação com outras tarefas a serem realizadas, como preparação de provas e de aula, pois se tratava da hora atividade. Essas seriam as barreiras práticas, citadas na análise das necessidades, mas que podem ser superadas com determinação e comprometimento de todos que desejam a qualidade que se pressupõe que toda educação deve ter e que almejam o controle do *bullying* escolar.

Referências

ANDERY, Maria Amália Pie Abib. Métodos de pesquisa em análise do comportamento. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 313-342, abril/junho, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000200006>. Acesso em: 15 jul. 2015.

ABRAMOVAY, Miriam. Escolas inovadoras: um retrato de alternativas. In: Seminário Internacional de Violência nas Escolas. **Desafios e Alternativas**: violência nas escolas. Brasília, DF: UNESCO, 2002. p. 184-276. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130875porb.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

BELINTANE, C. Por uma ambiência de formação contínua de professores. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 177-193, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15557.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é burnout? CODO, Wanderley (coord.). Educação: carinho e trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador. 2. ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 237-260

DEMO, Pedro. **Professor/Conhecimento**. Brasília, DF: UnB, 2001. Disponível em: <http://www.enap.gov.br/downloads/ec43ea4fProfessor_Conhecimento.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

JENNIFER, Dawn; COWIE, Helen. Module D: Managing and Evaluating Change. Unit D1: Conducting a Needs Analysis: Preparing for Change. In: COWIE, Helen; et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. [s.n.]: 2006. Disponível em: <<http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/D1f.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Violências nas escolas: o papel do professor. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de. **Juventudes, cultura de paz e violências na escola**. Fortaleza: UFC, 2006, p. 213-226.

LEME, Maria Isabel da Silva. Resolução de conflitos interpessoais: interação entre cognição e afetividade na cultura. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 17, n. 3, p 367-380, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a10v17n3.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

MORITA, Yohji. Violência na escola: uma abordagem japonesa. In. DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002. p. 93-135. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128720por.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

ORTEGA, R. et al. Module B: VISTA: A Whole School Approach (WSA). Unit B6: Dealing With Indiscipline and Disruption. In: COWIE, H; et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. 2006a. Disponível em: <http://www.vista-europe.org/unit_b6.php>. Acesso em: 15 mar. 2014.

ORTEGA, R; et al. Module A: Definition, Context and Knowledge of School Violence. Unit A1: Understanding the Definition and Context of School Violence. In: COWIE, H; et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. 2006b. Disponível em: <http://www.vista-europe.org/unit_a1.php>. Acesso em: 15 mar. 2014.

PINGOELLO, Ivone. **Formação docente em serviço**: prática preventiva e interventiva ao bullying escolar. Maringá, PR: Humanitas Vivens, 2014.

PINGOELLO, Ivone. **Bullying em sala de aula**: percepção dos professores sobre o aluno vítima. Maringá, PR: Humanitas Vivens, 2014.

PINGOELLO, I. **Ações educativas aplicadas por professores em alunos do 6o ano do Ensino Fundamental para a redução do bullying**. 2012. 323f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2012.

PINGOELLO, Ivone. **Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do *bullying* em sala de aula**. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

SAMUELSEN, Anne Sofie; ERTESVÅG, Sigrun K. Module B: The Whole School Approach. Unit B2: How to Embed the Whole School Approach (WSA): The Challenge of Implementation. In: COWIE, Helen et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. 2006. Disponível em: < <http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/B2f.pdf> >. Acesso em: 15 jul. 2015.

VINHA, Telma Pileggi. **O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista**. Campinas: Mercado de letras; Fapesp, 2000.